



VIAGEM DENTRO DE UM QUADRO

ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS

ESCOLA PORTUGUESA 1ª METADE DO SÉCULO XVI

CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 500 ANOS DA FUNDAÇÃO DO CONVENTO DE JESUS



VIAGEM DENTRO DE UM QUADRO A ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

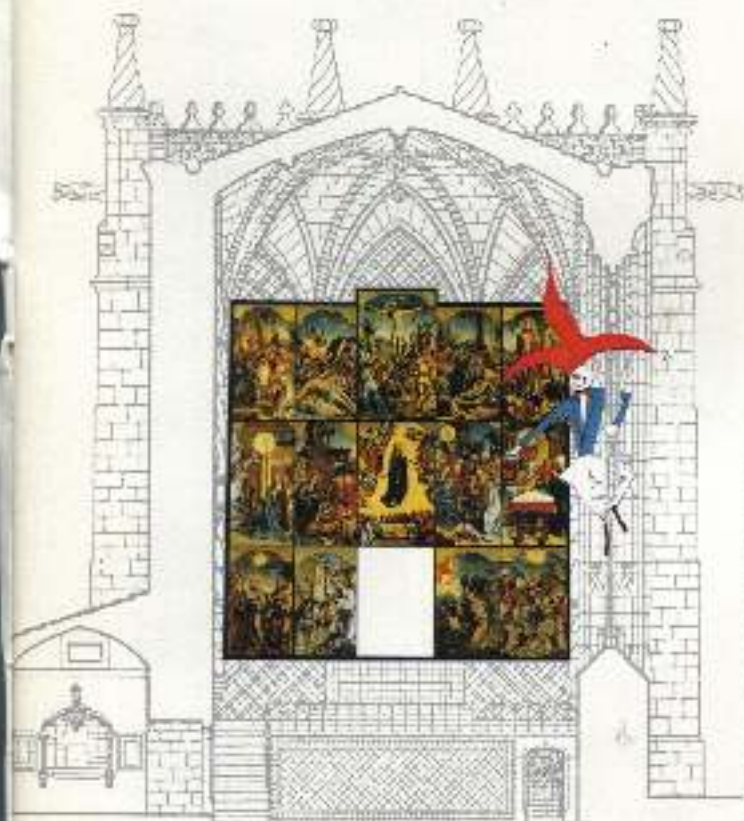
Biblioteca

Livro n.º **924**

Cota n.º *12-6*

COLEÇÃO JOVEM

TEXTO: Ana Duarte
PROJECTO GRÁFICO E ILUSTRAÇÃO: Nuno Alão
FOTOGRAFIA: António Luís
EXECUÇÃO GRÁFICA: Corlto / Senibel
DEPÓSITO LEGAL: N.º 36623/90



Este quadro chama-se Adoração dos Magos.
É pintado a óleo sobre madeira.

Viveu cerca de 431 anos na Igreja de Jesus.
Vive há perto de 30 anos no Museu de Selúbal / Convento de Jesus.

Todos os quadros têm segredos que precisamos descobrir...

Quantas personagens vês no quadro?

Qual é a atitude de cada uma delas?

Consegues ver a assinatura do autor?

Este quadro fazia parte de um conjunto de quadros que estava colocado no altar mor da Igreja de Jesus, entre a 1.ª metade do século XVI e os princípios do Século XVIII.

Tenta descobri-lo.



A este conjunto de quadros chamava-se retábulo. Este retábulo foi oferecido pela Rainha D. Leonor, mulher de D. João II, às freiras franciscanas clarissas do Convento de Jesus em Setúbal. Uns tempos antes ela tinha oferecido às freiras do Convento da Madre de Deus, em Lisboa, um outro retábulo, baseado como o de Setúbal em cenas da vida de Jesus Cristo.

Estas pinturas eram feitas por oficinas de pintores e em regime de parceria.

Quer isto dizer por uma associação de pintores. É muito raro encontrarmos datas ou as assinaturas dos autores.

Os pintores reuniam-se em torno de um mestre que, geralmente, era o autor da composição. Também era ele que pintava os rostos, as partes do quadro que exigiam mais perícia e os retoques finais.

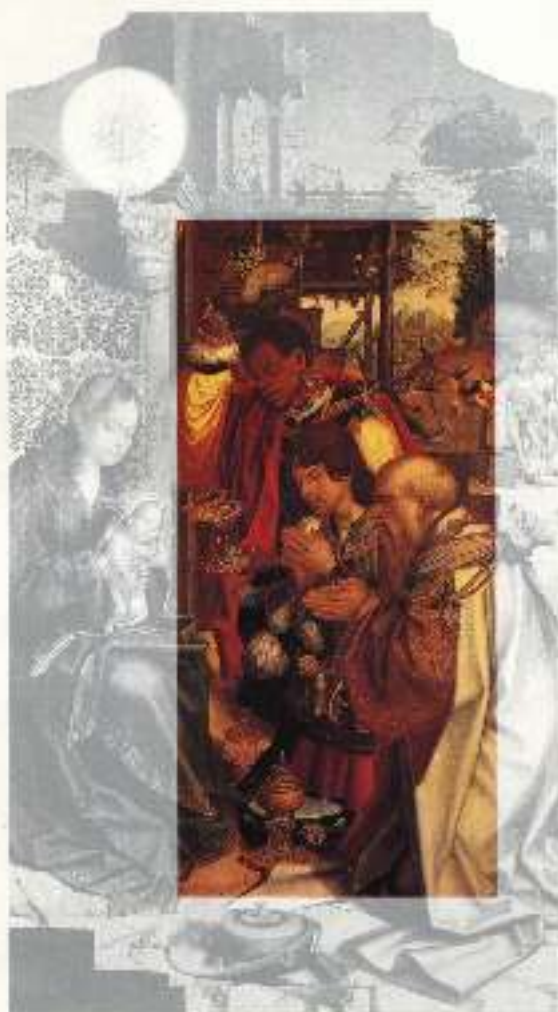
Numa oficina de pintura também existiam os aprendizes que pintavam os fundos e as partes de menor responsabilidade. Mas, atenção, eles tinham de ser perfeitos e levavam muitos anos até chegarem a mestres.

Quando era um rei ou uma rainha a encomendar um retábulo, geralmente faziam-no aos pintores régios ou àqueles que tinham maior importância na época.

Se os historiadores encontram as notas de encomenda dos retábulos, ou as folhas de pagamento dos mesmos, nos arquivos e bibliotecas, ficam a saber quem foram os autores.

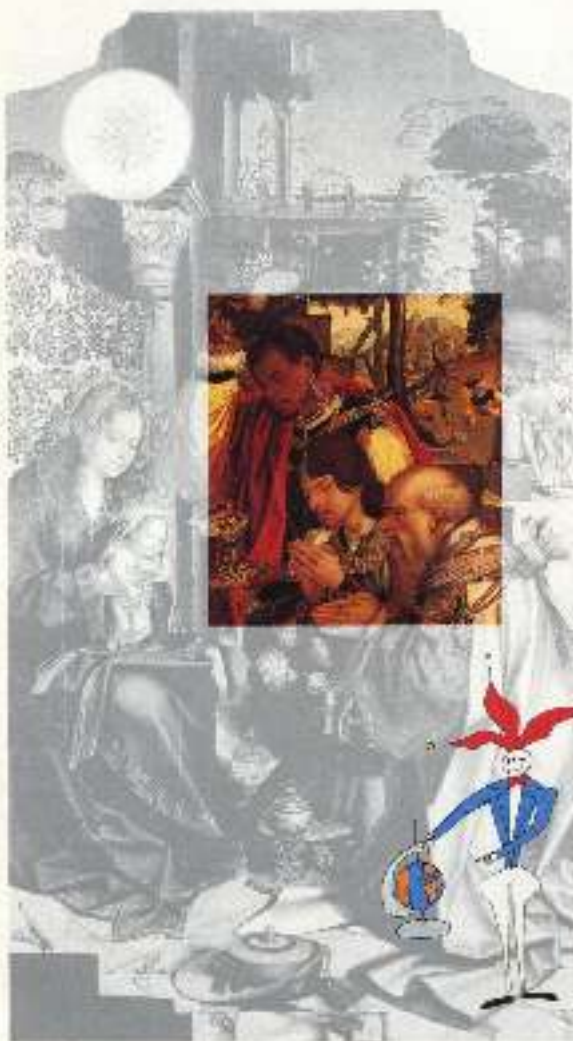
Em relação ao retábulo do Convento de Jesus, em Setúbal, ninguém ainda encontrou documentos que provem a sua autoria.

Mas os historiadores de arte não desistem. Depois de vários estudos e comparação de pinturas, chegaram à conclusão que a encomenda do Retábulo do Convento de Jesus terá sido entregue a Jorge Afonso, pintor régio de D. Manuel I.



Colares, anéis, brincos, coroas e fivelas, feitos em metais preciosos e cofres contendo ouro, incenso e mirra, são os acessórios dos Três Reis Magos.

Sabes a simbologia do ouro, incenso e mirra? Eles representam: o ouro, a realeza de Jesus. o incenso, a Sua divindade, e a mirra — que servia para embalsamar os cadáveres — a Sua Morte redentora (segundo o Cristianismo, Jesus veio ao Mundo para salvar os homens — redenção). Como justificas que reis tão poderosos ajoelham perante a pobreza de um menino e lhe ofereçam tão ricos presentes?



Os reis magos são de idades diferentes?
E serão todos oriundos das mesmas partes do mundo?

Os reis magos não têm a mesma idade.
Eles representam as três idades do homem: a juventude, a idade adulta e a velhice.
Eles representam também as três mais importantes partes do Mundo: a África, a Europa e a Ásia. Os três continentes que já não eram segredo para os portugueses nesta época. Um outro pintor, na mesma época, representou, no Retábulo da Sé de Viseu, na figura de Belchior (o Rei Mago negro) um índio do recém-descoberto Brasil.

Além da cor da pele e do traçado dos olhos, há outro pormenor que evidencia as diferenças entre eles, a maneira de vestir.

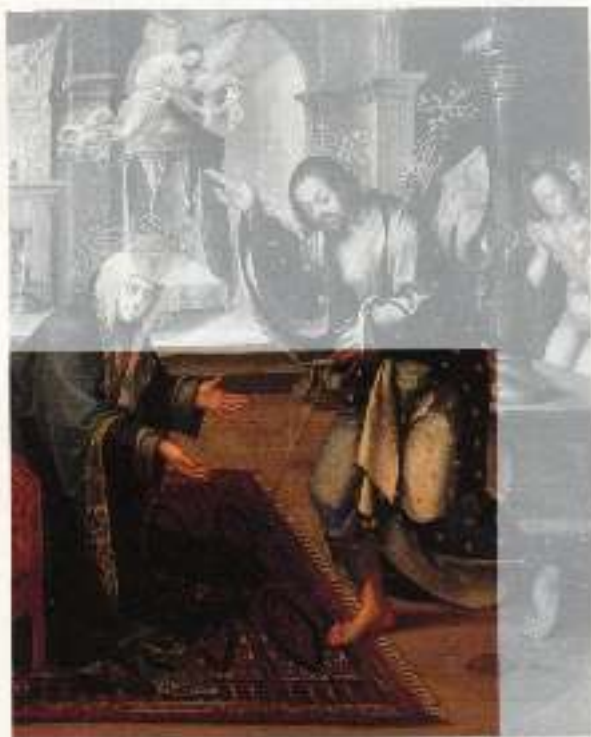


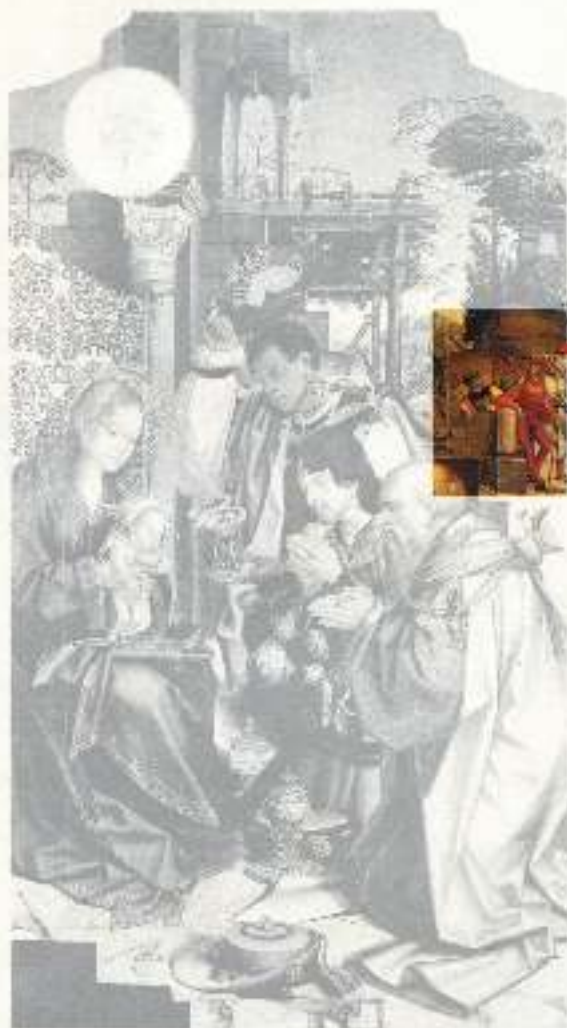
Na 1.ª metade do século XVI, os portugueses já tinham descoberto muitas terras até então desconhecidas dos Europeus.

Encontramos vestígios desses grandes acontecimentos nas pinturas da época que vão assinalando a mudança de costumes através da introdução de novos elementos de decoração. Vejamos:

Na Anunciação do Anjo a Nossa Senhora, um dos quadros do antigo retábulo da Igreja de Jesus, em Setúbal, atribuído à escola do pintor Jorge Afonso, a carpeta que cobre o chão é feita de sical, muito à moda alentejana.

No mesmo Museu, onde se encontra este antigo retábulo, o Museu de Setúbal, nós podemos encontrar num outro quadro, um pouco mais tardio, atribuído a Gregório Lopes, intitulado "Cristo aparecendo à Virgem", uma carpeta persa cobrindo o chão. Isto mostra que os portugueses iam introduzindo diferentes elementos de decoração nos quadros, conforme os iam encontrando nas novas terras por onde passavam.





Repara agora no grupo de pessoas no plano superior do teu lado direito. Através de certos pormenores, o autor ou autores do quadro mostraram que os portugueses já tinham visitado outros continentes, nomeadamente ao representarem um pagem negro, dois europeus e um que usa turbante, peça de vestuário muito usada pelos orientais.

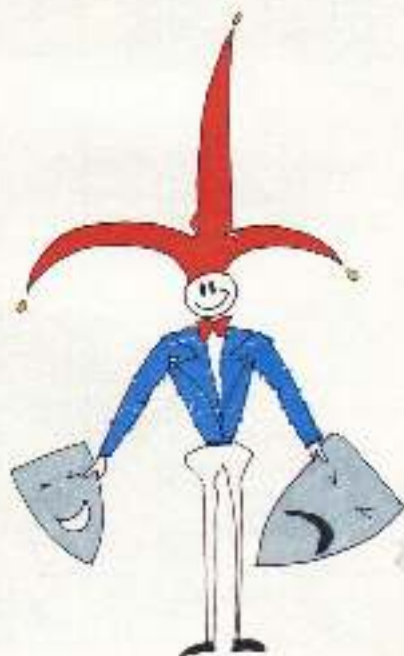


A figura da Virgem, não de Jesus, neste quadro e noutras pinturas desta época apresentava sempre a mesma forma de vestir e pentear: vestido de corte simples, bordado na orla e cabelos compridos, caídos pelas costas. O mesmo se passava com o menino Jesus. Nuzinho ou coberto com um manto branco, ao colo de sua mãe, ou num berço tosco de madeira sobre um fardo de palha. Mas tanto o Menino como a Virgem têm sempre ao redor da cabeça um resplendor de luz, sinal de divindade.



Por vezes, o cenário é muito pobre em mobiliário, como é o caso do quadro de que estamos a falar. Mas noutros quadros desta época, podemos ver vários utensílios de uso doméstico, mobiliário e tapeçarias que nos dão uma ideia de como eram decoradas as casas de quinhentos.

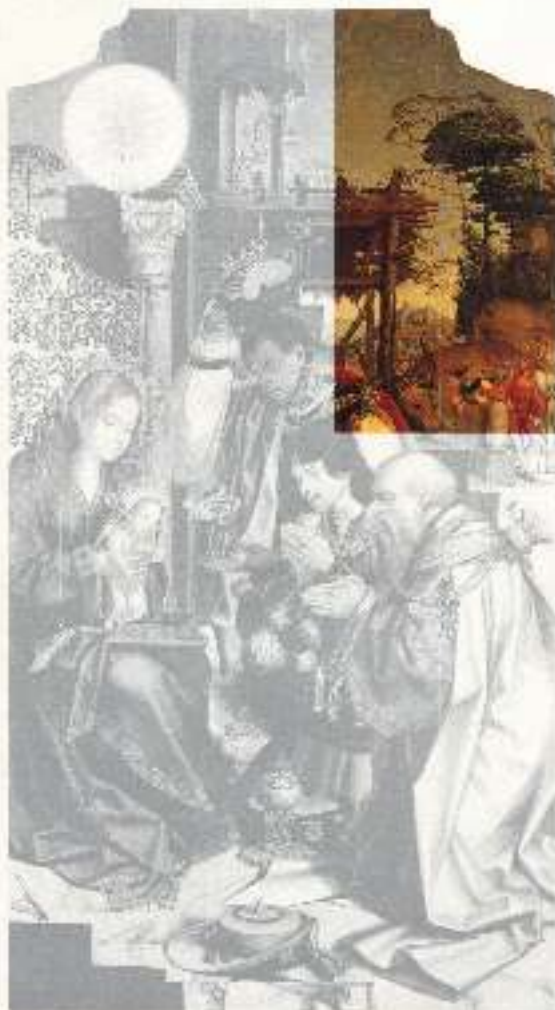
Repara agora nos tecidos. Uns são sedas, outros brocados. Haverá linhos e veludos... Os motivos eram muito complicados revelando muita habilidade na execução. Foi certamente nos padrões de tapeçaria e tecelagem que os pintores de azulejo se inspiraram para fazerem os seus painéis.



Já há pouco falámos dos cofres dos reis magos. A ourivesaria era muito apreciada nesta época. Utilizou-se muito o ouro e a prata. Uma das mais célebres peças de ourivesaria do século XVI é a custódia de Belém. Ela encontra-se no Museu Nacional de Arte Antiga e julgamos ser seu autor Gil Vicente.

Gil Vicente é considerado o fundador do teatro português. Escreveu sobre a sociedade quinhentista e foi mais nessa qualidade de escritor que ele ficou conhecido. Em 1517, 1518 e na Páscoa de 1519 ele fez representar os "Três Autos de Moralidade", chamados também por "Autos das Barcas". Os personagens põem com toda a cruzeza as suas vidas passadas na Terra. Divididas entre o Anjo e o Demónio, as almas vão entrando para as barcas, que as levarão para os locais que as suas vidas terrenas determinaram: o Inferno ou o Paraíso Celestial. A visão vicentina da sociedade quinhentista tem a ver com a pintura da época. É uma visão moralista, em que só pelo exemplo de Jesus Cristo, de Virgem, e dos Santos Mártires cristãos era possível alcançar o caminho da vida paradisíaca.

Encontramos esta alegoria dos dois caminhos, o bem e o mal, não só em Gil Vicente mas também em obras mais antigas como o "Horto do Esposo" e o "Boosco Delitoes", exemplares manuais de comportamento humano do homem quinhentista.



Reparemos agora na vegetação.
Nas árvores e nas plantas campestres.
Parece-te uma vegetação de países ou regiões
do Sul?

E o relevo?

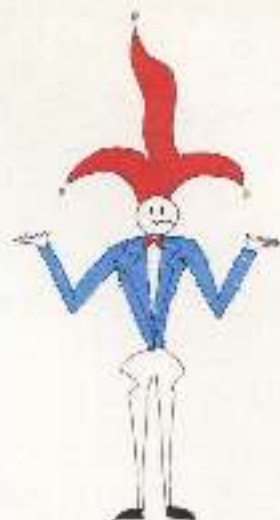
Isto acontece porque, em geral, os fundos das
pinturas desta época eram pintados tendo como
modelo as gravuras flamengas ou alemãs ou
mesmo pinturas importadas dessas regiões da
Europa.

Os nossos pintores conviviam com pintores
estrangeiros que se instalavam em Portugal e
aqui constituíam família.

Era muito comum filhas e irmãos de pintores
casarem com outros pintores.

Era natural, portanto, que houvesse troca de
influências.

Além disso D. Manuel I trocava muitas merca-
dorias vindas da Índia, em cidades do Norte
da Europa e recomendava a compra de pin-
turas estrangeiras. Os nossos Museus demons-
tram-no bem com as variadas colecções que
possuem.



Neste quadro da Adoração dos Magos, não aparece S. José, mas sim uma imagem simbólica do "Espírito Santo", que, segundo a história sagrada, concebeu Jesus, o Filho, no seio da Virgem Maria.

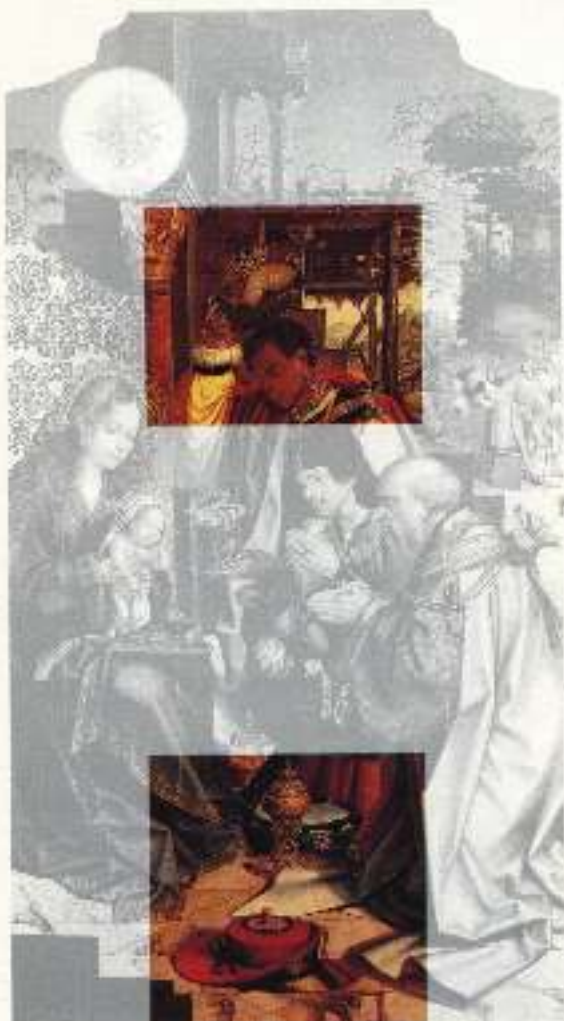
Assinala-a.

Esta imagem representa a 3.ª pessoa da Santíssima Trindade, sendo as outras duas o Filho e o Pai. Os Reis Magos ajoelham perante a encarnação do Verbo (Deus) feito homem (o Filho, Jesus).

Os fundos dos quadros de temática religiosa, na 1.ª metade do século XVI, também apresentam as cidades bíblicas de Belém e de Jerusalém ou mesmo outras, a partir de formas e imagens que só existiam na imaginação do autor, fruto das influências e das constantes leituras da Bíblia, feitas pelo próprio, se sabia ler, ou então, se não sabia, interpretava, à sua maneira, os sermões ouvidos na Igreja, criando imagens da terra prometida.



S. José nos vários retábulos quinhentistas aparece sempre ao lado de Nossa Senhora, numa atitude relativamente secundária e com uma auréola de luz à volta da cabeça diferente da Virgem e do menino. Observemos.



Voltemos aos Reis Magos. Todos eles usam chapéus ornados de pedrarias.

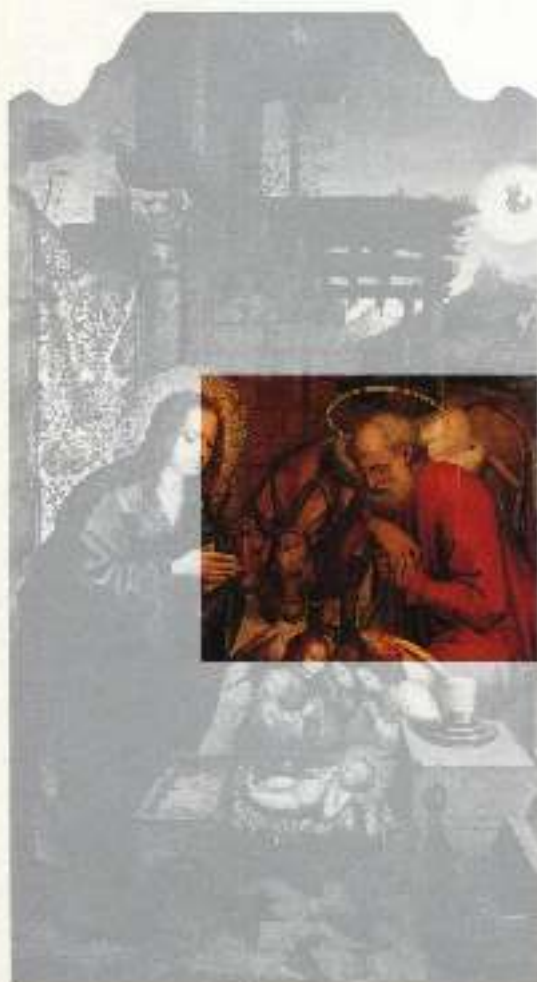
No caso do Rei Belchior a coroa adapta-se ao próprio chapéu.

O chapéu era um ornamento importante na época. Tanto nas classes mais nobres como nos grupos populares.

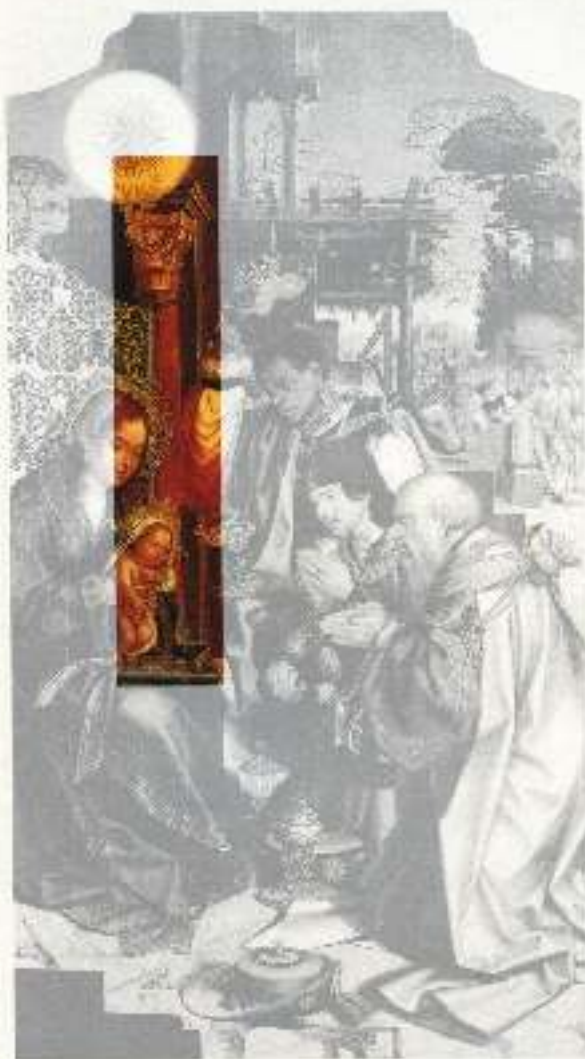
Os pintores desta época pintavam as personagens dos seus quadros vestidas à maneira do século XVI, mesmo que as cenas representassem situações anteriores a este século. Os reis estão portanto vestidos como a nobreza o fazia na época. Os grupos sociais distinguem-se pela maneira de vestir.

Dentro da organização económica e política do país, o pintor não tinha um estatuto de 1.ª categoria, não era considerado nobre, sendo, pelo contrário, visto como artífice. No final do século XVI, os pintores uniram-se e lutaram para que fosse reconhecida a nobreza da sua arte.

Além da profissão de pintor, o século XVI era fértil em profissões no domínio das artes e dos ofícios.



Os animais são companheiros constantes do presépio. Neste e noutros quadros podemos ver um asno e um bovino que com o seu bafo aquecem, segundo a tradição, o Menino Nu.



A coluna, que simboliza o Novo Homem que é Jesus, data a época em que o quadro foi pintado. O retorno ao classicismo, o fim da Idade Média, ou seja, o Renascimento.

O chão apresenta triângulos de um material parecido com cerâmica moldada, que deveria ser muito utilizada nas casas portuguesas do século XVI.



O Museu onde se encontra este conjunto de pintura primitiva está instalado no antigo Convento de Jesus em Setúbal, fundado por D. Justa Rodrigues Pereira, ama de leite de El-rei D. Manuel I.

A sala onde se encontram as pinturas é uma das antigas salas do Convento.

As pinturas foram, como dissemos, executadas para a igreja do Convento, que era — e é — pública, ao contrário do Convento, onde as freiras viviam isoladas do mundo. Em 1938-39 foram restauradas em Lisboa e alguns anos depois voltaram para Setúbal onde deram entrada no Museu que entretanto se organizou no espaço do Convento.

CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL

